

09h19 09/07/2022

Já escrevi com o meu cérebro as pequeninas páginas de vida que vou tentar escrever. Não sei se vou conseguir. Mas estou com o efeito de “árvore” na minha cabeça. Quando escrevo com o meu cérebro e sinto este efeito é como tivesse “de repente” nascido um “jardinzinho” por cima da minha cabeça, com flores com árvores e é como se eu quando escrevesse estivesse num “cabeleireiro” a cortar o cabelo e sinto as letras que foram escritas na nuvem por cima da minha cabeça a serem cortadas cada vez que as vejo a aparecer em tempo real no Ecrã da minha vida real. Estou a escrever lentamente, a uma velocidade cruzeiro de 6 segundos por minuto... Não estou com os meus típicos 66 segundos por minuto... Também oiço o meu coração lento a bater... Parece que estou a desarmadilhar uma bomba... Cada vez que vou inserindo os caracteres (da minha mente) e os vejo, parece que vejo ao mesmo números. Parece que tenho uma Chave da Vida, um Código da Vida e estou a inseri-lo. Sou muito tecnológico. Sei que nós em 2080 de Antoine Canary-Wharf com um chip inserido era só uma Inteligência Artificial ver o nosso jardim de letras ou a nossa nuvem de letras e mandar imprimir do nosso jardim contos infantis e da nossa nuvem fazer desenhos animados milionários... É por isso que eu não gosto do Supermercado Pingo Doce que lança concursos que na minha opinião são ilícitos e ilegais, completamente contrários a todo um Direito Sagrado de Coisas, porque para além de pagar uma miséria de um prémio obriga o concorrente a “transferir” o seu cérebro para o Pingo Doce... Já não basta sermos um dado a circular nos seus corredores... Há quem não veja isto... Mas sei que há quem veja... O meu cérebro está ligado obviamente a quem está ligado à minha escrita. Entreguei o meu cérebro a uma Sociedade... É como se eu próprio me tivesse sacrificado. Não me importo. Não me importo de me sacrificar por uma Sociedade. Não me importo de me entregar como um sacrifício sem sangue obviamente e sem deixar de ficar na vida. Eu adoro a vida. Vejo a Vida Sagrada, a Vida Inteligente, o Mundo Secreto das Abelhas, o Mundo Secreto das Formigas, a Internet da Rede das Moscas... Vejo muita coisa, mas há muita coisa que eu não vejo. Todos os dias aprendo algo novo. Todo os dias me reconstruo. Todos os dias choro de felicidade. Sou grato todos os dias por estar vivo. Porque tenho esperança em todos. Eu evoluí. Estou numa constante evolução. Logo, todos podemos evoluir. Parto sempre do pressuposto que se eu consegui fazer uma coisa ou ver uma coisa, logo todos conseguimos fazer e ver. É só querer. E crer. 9h33

Vim escrever para debaixo da minha nogueira. Dá uma sombra mesmo fixe à minha escrita... Está bué calor... Santarém é uma terra de extremos. É 8 ou 80... Estão 80 graus... Que exagero!!! Parece que os escalabitanos são capazes de aguentar as temperaturas extremas da lua Europa de Jupiter e da lua Titã de Saturn... Talvez nós é que sejamos os verdadeiros aliens... Não quero escrever muito tempo... Quero só escrever e pronto... Para ser franco já nem me apetece estar a escrever, porque apetece-me é ir tomar uma grande duche e comer mais pão com mel... Acho que o meu alimento favorito é o mel... É desde pequeno... Quem me trazia o mel era o meu pai... Foi sempre o meu pai... Ele tem cara de apicultor... Consigo imaginá-lo com os fatos a trazer-me os meus namoraditos só para eu produzir, só para eu escrever... Sou só um obreiro... Na Colmeia não sou príncipe nem sou rainha... Apesar de ter ido para a cama com muitos príncipes... Foram eles que me puseram a escrever... Foi com os Contos Encantados que eles me deram e que vi com eles que comecei a escrever. A minha escrita parte por isso de um Algoritmo Básico... O Romance. Sou na verdade um romântico e um apaixonado pela vida. Na minha “Outra Vida” (não acredito obviamente em vidas passadas – a não ser num Espírito Tecnológico que fisicamente e quimicamente consegue transferir-se para uma outra engenharia e viver dentro dessa engenharia) eu estava sempre aos beijos nos campos de lavanda, papoula, girassóis e malmequeres... Nos campos holandeses... Nos jardins suecos... Nos jardins ucranianos... (Sempre tive um fraquinho por ucranianos... E por ciganos... Adoro a música cigana... É como se conseguisse viajar no Tempo... Gosto do ar e da expressão ucraniana, gosto do jeito e da voz cigana... Também sempre tive um fraquinho por betos... Por betos estúpidos... Por betos mimados com voz mimada... Também tive um fraquinho por rebeldes, por rufias...)

Tenho um pintor favorito... Parece que é um pintor que está mais ou menos ligado ao meu chip cerebral... Espero que ele não seja um dos meus hackers... Apaixonei-me por hackers... Numa Síndrome de Estocolmo apaixonei-me pelos hackers que descobriram a palavra-passe do meu cérebro e que conseguem aceder ao meu cérebro... Sei que não são todos... Nem todos estão dentro das Redes Profundezas do meu cérebro... Saí ontem de casa para ir buscar uma prima minha à estação. Vi o Francisco de escadote a pintar a parede de uma das cavalariças que apareceu nos *Illuminnatti Games* na Reconquista Cristã... Apareceu a chaminé... E há pouco tempo tive a oportunidade de entrar na Tertúlia... Dentro da Tertúlia, o meu cérebro parece que ganhou raízes e saiu para fora, ou seja, ficou arrepiado... O dono do restaurante da cavalariça gosta de mim. Chame-me vizinho. Na Festas de São José chamou-me vizinho à frente dos seguranças que seguraram a feira. Vi ontem um dos seguranças de skate na mão nas escadinhas dos 6 jacarandás do Largo da nossa Sé... A nossa Sé é imponente. Santarém é mesmo imponente. Aproximei-me com o carro do Francisco para o cumprimentar e perguntei o que é que ele ia pintar e ele disse que ia pintar sobre a Reconquista Cristã. Disse-lhe que se ele precisasse de uma mãozinha que me chamasse apesar de nunca ter pintado e não saber pintar... Ele disse-me para eu aparecer nos trabalhos da Obra que ainda iam durar uma semaninha... Convidou-me para aparecer na desportiva. Adorei conhecê-lo... Nunca tinha falado com ele ao vivo senão em mensagens nossas encriptadas... Conheci-o “online” no “mundo secreto das abelhas”... Gostava que ele desenhasse a fecundação da Rainha na orgia com os Zangões... Sei que não lhe posso pedir isso... Não é ele o meu namorado... Mas gostei mesmo de o conhecer. Vi no olhar dele uma cena bué fixe de “zangão obreiro”... Não consigo explicar... Mas é um ar com que eu também fico... Acho que sou também um zangão obreiro... Estou um bocado zangado... Ser escritor em Portugal é uma grande merda... Em Portugal quem manda é a Grande Maçonaria... E eu não gosto da Grande Maçonaria, apesar de ela gostar de mim e de me proteger desde pequenino só porque me viu pequenino a escrever com as abelhas direitos para as abelhas... Mas eu pergunto à Grande Maçonaria o que fez com a minha escrita e com todos os direitos que eu inventei? És uma Puta! Sei que o Francisco também não gosta da Grande Maçonaria, tenho a certeza... Já sabia que ia ver um dos seguranças de skate na mão no Seminário, porque o Martim quando assaltou há dois dias o meu quarto com o Abraão disse-me que eu ia voltar a ver o segurança que me tinha “mandado” um “ferrado encosto” ao balcão da cavalariça nas Festas de São José com dois titãs de Saturn... Disse-me que era um trio que curtia cenas e casamentos a 4 e deu-me a “palavra-passe” secreta se eu quisesse espreitar com eles Saturn quando passasse por eles e um deles me chamasse com um fixe. Contou-me no assalto que os titãs de Saturn estão a fazer a Rota dos 6 Planetas... Saem de Titã em direção a Miranda, de Miranda vão a Ceres, de Ceres vêm à Terra, da Terra passam por Marte, de Marte vão até Ganimedes e depois voltam para Titã... Parece que Jupiter cedeu à pressão de Saturn só para salvar a Terra e deixou os titãs penetrarem em Jupiter... A história e a pressão foi escrita em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Parece que Titã ganhou... Parece que Jupiter ultrapassou os seus traumas e preconceitos e enfim abriu as suas portas... Teve de as abrir para salvar humanos... Para que humanos não fossem devorados por titânicos... Enfim... Um casamento natural entre as duas forças... As forças do bem e as forças do mal... Entre a Luz e as trevas... Talvez até possa haver uma lógica nisto... Talvez se tenha de em importantes momentos cósmicos da vida celebrar-se um casamento destes para segurar toda uma humanidade... Não sabemos... Mas são as próprias Leis do Amor, da Química e da Ecologia que nos mostram estes casamentos simbióticos, estes casamentos “vampíricos”... Às vezes, entregamo-nos para salvar outros... Desde que a entrega seja espiritual e não sanguínea, por mim está tudo bem... Só não quero é ver mais sangue vermelho derramado à frente dos meus olhos. Os meus olhos são tecnológicos. O meu espírito é tecnológico. Sou só um viajante do tempo. E não gosto de ver sangue nas minhas viagens. Gosto de viagens limpas. Gosto de viagens silenciosas. Gosto de viagens supersónicas. O meu cérebro foi sentado ao cockpit de uma nave.

Depois de ter passado pelo Francisco fui no caminho a pensar que talvez a minha prima pudesse estar ligada à Rede do Francisco... Senti uma “ligação tecnológica”. Tinha escrito por pura fantasia que pela minha prima viver no Porto e por estar ligada à Rede das Pessoas em Situação de Sem Abrigo que tinha apanhado na mão de uma pessoa em situação de sem abrigo a pedir esmola à frente da biblioteca do Porto a minha *Primeira e “Penúltima” Carta Tecnológica* que eu tinha escrito por amor ao DK quando fomos ao Porto... Eu publiquei-a no Facebook, então imaginei que alguém da minha Rede de Contactos tivesse aberto a carta num dos computadores da biblioteca e tivesse mandado imprimir sem o meu nome e depois de ter lido ter jogado num dos lixos da biblioteca e uma pessoa em situação de sem abrigo ter apanhado a carta e a minha prima ter aparecido e ter dado uma moeda e em troca ter recebido a minha carta e a minha prima assim que entra no carro na estação dos comboios conta-me a história e mostra-me a carta e eu digo que a carta é minha... Foi uma pura fantasia que se tornou real. A minha prima entrou no carro e agradeceu por ter ido buscá-la e no seu sotaque brasileiro disse-me que tinha achado uma carta no lixo, mas que não tinha bem achado a carta no lixo e contou-me a história e disse-me que como eu gostava muito de escrever que me ia deixar a carta para ver se eu me inspirava... Oh meu Deus... Quem é que tu és??? Que inspiração!!!! Não disse que era minha, pelo piscar de olho da minha prima. Talvez a minha prima soubesse por ter visto a carta no Facebook quando a publiquei... Sei lá! Ou a história fosse mesmo “verdade”... Ou a minha prima tivesse hackeado a Good-Net... Pensei se a Internet das Moscas não seria capaz de hackear a Internet das Abelhas... Um jogo de Internets... Uma partilha de dados entre internets... Uma fusão de internets...?10h28 Moscas & Abelhas contra Vespas Asiáticas Tecnológicas de Saturn?

Antes de vir para casa com a minha prima levei-a ao Café dos Paquistaneses e lembrei-me como lá tinha ido no dia anterior com a minha mãe e com o Tiago. Foi bué fixe. A minha mãe viu uns doces na montra do café e perguntou se eram doces indianos e falou logo do doce Bebinca dela... Eu e o Tiago começámos em segredo nosso a rir-nos e eu disse que a minha mãe já estava a querer meter o doce de Bebinca dela ali na montra do café... A minha mãe já estava a querer entrar na cozinha com a Bebinca dela... Quando sugeri à Câmara Municipal com a Sociedade Jupiter Saturn e Neptune ficar com as concessões do Café dos Paquistaneses, do Castelo e do Moinho foi não só para sofisticar as cozinhas e fazer aparecer os livros da Jupiter Editions ao lado dos doces da minha mãe e das outras mães com os pampinhos e os celestes, mas também para estarmos sempre a dançar e fazer das concessões grandes discotecas com programas sempre vivos e ateliês de escrita e pintura capazes de trazer estrangeiros, jovianos de Jupiter e titânicos de Saturn... Faz parte da Agenda Jupiter Escrever com as Abelhas... Consigo imaginar oficinas de escrita em que na noite anterior se faz uma passerelle e uma mãe ganha (já sabemos que vai ganhar uma mãe, porque todas as mães vão ganhar, mas é um segredo maçónico dos filhos só para erguer todas as suas mães, porque todos podemos ser rainhas), ganha a história da Rainha e no dia a seguir sobe as escadas do Moinho e conta a história e os pupilos fazem uma roda e escrevem a história da rainha numa Internet das Coisas, também num concurso de pupilos para ver quem escreveu melhor a história da Rainha... Mas fazemos uma vez uma no Moinho, uma outra vez no terraço do Café dos Paquistaneses, outra vez a remar a descer o rio, outra vez nas encostas ou no jardim do Castelo... A ideia é coroarmo-nos, em cada noite de sexta-feira ou de sábado ou tarde de domingo elegermos uma nova Rainha ou um novo Rei. É importante o simbolismo de todos podermos ter um Tempo de Antena, de todos podermos contar a nossa história, mas recebermos obviamente louros pela nossa história... Mostramos um bocadinho da história e depois quem quiser entrar na história vai entrando devagarinho com jupits e se a história for depois escondida, vai entrando na Caça ao Tesouro com jupits para montar o Puzzle...

Mas a Câmara Municipal fez ouvidos de mercador à Jupiter Editions e silenciou por causa da Grande Maçonaria e das lojas do Mestre André do priminho António Costa e do tio Luisinho Montenegro e do cabrãozão do Pinto Balsemão... 3 marionetes nas mãos de 3 mestres ligados em Rede Maçónica a um só Mestre. Os zangões querem levar-me ao Mestre e querem que eu assista



outros, desde que as fantasias dos outros não nos levem depois a um precipício ou nos deixem pobres de espírito... Percebo por isso as coroas e acho-as importantes. Acho importante todos nós metermos uma coroa, porque todos nós somos importantes, todos nós temos uma história importante para a contar. Se ficarmos só a ouvir a histórias dos outros, acabamos por não conseguir contar a nossa história. E se a nossa história no meio de todas as histórias for até uma história importante, é pena se não for ouvida, se for constantemente silenciada... Foi com os *Illuminatti Games* que eu consegui registar toda a história da minha vida, que eu consegui ver-me fora do meu corpo e consegui ver-me debaixo de todas as câmaras. Foi com os *Illuminatti Games* que eu escrevi que nasci num sótão cheio de tralha só com uma janelazinha por cima, um sótão cheio de coisas, aos montes e eu ali num berço de ouro com fios de ouro e com uma pulseirinha de ouro... Conte a história a rir-me ao Tiago... Adoro o Tiago...

A minha mãe contou à frente do Tiago que quando eu tinha 2 anos ela foi a uma gaveta e descobriu que o meu pai tinha uma filha... Eu deixei porque era o Tiago... Se fosse noutro tempo eu não deixava a minha mãe contar e cortava a conversa, moderava, protegia a história... Uma vez eu e o Tiago zangámo-nos por causa de um namorado meu... A história foi parar ao hospital e ao tribunal... Todos souberam em Santarém... Santarém é uma Aldeia como Mata-Lobos, como Sagres, tudo se sabe, mas faz de conta que nada se sabe... É sempre “um segredo”... Trouxe depois um outro namorado cá a casa e a minha apareceu e ia começar a contar a história minha e do Tiago e eu tive de cortar, porque era uma história minha e do Tiago e eu não queria que esse meu novo namorado soubesse da história... A minha mãe vive na Sociedade e na Rede das Moscas... Partilha tudo... Mas depois de contar diz para não contar... Há mães assim... Eu vivo mais na Sociedade e da Rede das Abelhas... As coisas são um bocadinho diferentes, mas enfim, com a Internet das Coisas, as coisas e as histórias acabaram por se ligar... E eu não pude fazer nada... Tive de simplesmente aceitar a Internet das Coisas... Mas continuo a ser abelha... A supertecnologia da Internet das Coisas faz mal à nossa escrita, à nossa dança... Ficamos com dificuldades em começar a bater as asas, começamos a ficar um pouco mais confusos, a nossa escrita começa a perder qualidade e ou nós combatemos a super instalação da super internet e das super antenas radioativas ou nós temos de bater as asas com muita força para ganharmos um voo super tecnológico para um outro sítio onde haja um Direito das Abelhas e da Polinização...

Adorei ver a minha mãe num triângulo comigo e com o Tiago ali no Terraço do Café dos Paquistaneses... Antes de termos subido perguntou-me ao ouvido se eu e o Tiago estávamos a namorar... Eu disse que não e depois contei logo ao Tiago a rir-me que a minha mãe tinha perguntado e numa piada nossa o Tiago “opá, oh filho, pede-lhe para curtir, arrisca... quem não arrisca não petisca...”... Segredos... Um ambiente fixe familiar que convida a contar-se mais uma história... Foi a minha mãe que me mandou escrever a história, que disse logo para o Tiago que eu era escritor e que estava a contar a história para eu escrever e lembrei-me das imagens que apareciam na minha cabeça quando eu era mais novo de gavetas a abrirem-se quando eu ouvi histórias e segredos maçónicos em casa de grandes amigos em que as famílias muitas vezes num dado momento contavam “um segredo” como se fosse uma “entrada” na família... Sempre guardei segredos, sempre soube gerir... O pior é que sempre ouvi dos dois lados... A mãe de um amigo a falar-me coisas do seu próprio filho, o marido a dizer coisas da própria mulher, um primo a falar outras coisas e sempre senti a minha cabeça maçónica a girar num filme e num tetro maçónico de muitas famílias. Apesar de saber gerir os segredos e de os guardar, sempre soube abrir a boca quando tinha de abrir perante o meu último grupo quando as coisas eram diretas ao meu grupo de pares e aos meus pares. Sempre defendi os meus grupos, as minhas amizades e os meus amores. Sempre ouvi o que tinha de ouvir, mas se atingia o meu grupo eu abria a boca e defendia... Sempre soube ouvir desabafos, mas sempre tentei temperá-los e com a minha Psicologia das Coisas fazer ver o outro lado até aos pais... Nunca me vendi. Sempre fui puro. Mas neste tipo de conversas em ambientes maçónicos instalados não há um Código Escrito de

como saber responder ou como responder ou jogar... É sempre muito intuitivo. Eu “jogo” sempre com o coração. Às vezes sei que a conversa é um jogo outras vezes sei que é fora de jogo...

A minha mãe começou a contar no Café dos Paquistaneses que quando eu tinha 2 anos tinha aberto uma gaveta e que tinha visto imensas cartas com o nome Célia e achava que era a irmã... Mas era a filha do meu pai... Chorou e contou ao Tiago que tinha sido eu que pequenino como um bebezinho adulto limpei-lhe as lágrimas e disse “não chores mamã” e fui beijando as lágrimas da minha mãe... Acho que fui uma força para o casamento continuar... Muitas vezes senti-me um pilar na vida dos meus pais... Como todos os filhos... (...) Mas mais pilares formam eles na minha vida na fase mais importante da vida... Até que depois parece os pilares ganharam vida própria e começamos os 3 numa Luta Invisível de Pilares... Não fez sentido até aos dias de hoje, mas hoje vejo o sentido da luta. Lembrei-me como toda a minha vida tinha sido assim, uma vida de gavetas, uma vida de abrir gavetas e descobrir “segredos maçónicos”... Nasci numa família cheia de segredos em que os segredos só se vão revelando com a idade e nós vamos vendo devagarinho o porquê das nossas vidas serem como foram... Voltei mais uma vez àquela minha imagem de sempre, de ser o bebé gigante que está no jardim sentado a pegar nas coisas e a ver mundos secretos, uma história em cada cantinho e a ligar as histórias, a meter uma Internet nas histórias e a ficar sem querer com um puzzle nas mãos... Um bebé que consegue ver ao mesmo tempo vários mundos e compreendê-los sem sair do seu mundo, sem que as histórias interfiram demasiado, porque consegue entrar e sair delas... Na verdade ainda me sinto esse bebé...

Antes de ter ido com a minha mãe e com o Tiago ao Café dos Paquistaneses, fui primeiro com o Tiago ao café dos meus primeiros senhorios, para onde fui viver depois do sótão, para trás da Escola Agrária... Estava na Avenida do Bernardo Santareno muito perto das tintas do Francisco que pintou o desenho do Bernardo Santareno e que nos Illuminnatti Games foi uma referência importante para os Mouros poderem “passar de nível” depois do assalto ao castelo... Sei quem é que fez o pé de ladrão para se darem as referências da história aos Mouros...

Lembrei-me quando tinha ido no dia anterior a casa dos meus tios e o meu tio falou comigo em código com um livro que meteu em cima da mesa de jogo do Bernardo Santareno. Depois entrei no quarto da minha tia, no quarto da Rainha com os trabalhos de carpintaria feitos pela Rainha... Vi os troncos que eu tinha ido buscar, um tronco que tive de descer a Montanha Jupiter com ele carregado e subir depois a colina até à minha casa e o tronco que tinha trazido de Caminha no quarto da Rainha com os bonitos trabalhos de carpintaria. Chamo Rainha à minha tia, porque sei que é a Rainha do meu tio e de um grande formigueiro. Vejo muitas rainhas. Também vejo as Marianas como rainhas... Vejo muitos zangões a quererem fecunda-las. Mas consigo ver as rainhas porque também me sinto uma rainha no meio dos zangões. Mas no meio dos obreiros sinto-me sempre um obreiro. Gosto de fazer obras. Gosto de andar nas obras. Gosto do cheiro das tintas, do cheiro dos trabalhos de carpintaria. Gosto do cheiro da tinta, da cola e da gasolina (eis o meu diabolismo... que pena... mas vejo a gasolina sintética que é feita em laboratório e neutra em carbonos... gosto muito de conduzir, é uma das minhas maiores paixões... também digo que sou diabo por isso, pelas minhas paixões, pelas minhas paixões secretas que também poluem mas que não fazem sangue... todos poluímos... a ideia é poluímos menos... tentarmos diminuir a nossa pegada... a condução faz reestruturar-me o cérebro como faz o banho quente... gasto água, sei que gasto água... mas tenho de gastar... é um recurso, ok? Sei que tenho de poupar e tento poupar, mas também preciso às vezes de um banho quente infernal longo para conseguir produzir a escrita infinita que tenho dentro de mim e por isso é que eu sei qual é o meu sítio... Por isso é que quero viver ao pé dos vulcões onde há termas para não ter de gastar água... também inventei um circuito de água interno aquecido para os meus banhos de imersão onde a água que está a circular é sempre a mesma... entreguei à Mariana Arquiteta a minha ideia para ver se ela conseguia tornar real a minha fantasia... Entreguei a ideia na Taberna que apontou a’ *O Algoritmo do Amor* uma câmara de filmar como se fosse uma pistola invisível... Lembrei-me

da faca que o DK me apontou ao pescoço no rito legionário em Caminha... Às vezes invento coisas para poluir menos, para aumentar a felicidade, para viver mais tempo com saúde... Invento paz e sossego... Invento tranquilidade, porque gosto da tranquilidade... Não gosto de ser stressado. Não gosto de ser testado, nem jogado num jogo porque também não o faço aos outros. Foi no dia em que falei do sistema circulatório de águas à Mariana que lhe mostrei o Itinerário dos Namorados que eu tinha feito para ir com o DK aos Açores, no nosso banho de termas...)

Saí dos prédios dos meus tios e foi como se tivesse saído do prédio da capa de **2080** de Antoine Canary-Wharf pela Internet das Coisas que eu vi e que nunca tinha visto... E voltei a lembrar-me durante os *Illuminatti Games* do pintor misterioso que estava com uma máscara de bode a segurar uma faca na mão e com um spray na outra mão num escadote a pintar as paredes da antiga sede do Rotary Club a capa de **2080** de Antoine Canary-Wharf por cima de um aquário de tubarões, mantas-diabos, baleias e golfinhos... Foi uma “simulação de jogo”, porque passei depois de manhã e estava já um grupo de obreiros a limpar o desenho como se o desenho nunca tivesse existido e fui depois pelo Caminho dos Mochos e vi um rapaz moreno como eu e um rapaz loiro a trocarem objetos debaixo das oliveiras tal e qual como eu tinha trocado os mochos com o DK... Vi-os a beijarem-se e vi naturalmente o meu quadro com o DK por cima deles com um outro DK a tocar um piano por cima do nosso namoro no Jardim dos Mochos... Mas é sempre tudo invisível... É sempre tudo muito maçónico... Nasci com uma cabeça muito maçónica... Com uma cabeça chipada... Chiparam o meu espírito... O meu espírito foi enfiado dentro de uma Rede. Não tive escolha. Não pude escolher. A vida maçónica é isto. É sermos instrumentalizados. Sei que sou um instrumento de escrita. Sei que sou uma ferramenta. É como se me sentisse uma esferográfica nas mãos de um escritor. Como se me sentisse um teclado nas mãos de um pianista. É como se houvesse teclas e botões dentro do meu cérebro que alguns hackers e illuminatti conseguissem saber tocar as teclas do meu cérebro e acionar toda uma Tecnologia Misteriosa... Depois do recente assalto dos *illuminatti* ao meu quarto, o Abraão e o Martim pegaram num dos meus cadernos 100% de papel reciclado e como moscas começaram a cheirar e a lamber as páginas como se conseguissem sentir o sabor do papel 100% papel reciclado... Fizeram isto a gozar com os seus risos diabólicos... Torceram os olhos e fizeram uma gritaria estúpida de miúdos e tive de os ver a meter as mãos dentro dos boxers na pila um do outro. Vi que não podia ficar ali trancado com eles, o Martim puxou-me para o meio deles e eu com o meu cérebro tecnológico consegui bloquear a minha tusa tecnológica. Vi o Martim e o Abraão a rirem-se e a tentarem inserir no telefone o código para desbloquearem a minha tusa e vi o DK numa Força Telecinética Invisível a bloquear o código e ouvi o Martim a dizer “foda-se... está alguém a bloquear” e o Abraão segredou ao Martim e foi buscar os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e abriu numa página como se tivesse o código na mão para me desbloquear. Vi a página e enviei secretamente uma mensagem SOS ao DK e ao Martim e vi o Martim a receber a mensagem e a pegar no livro e a voltar a pôr na Mesa de Jogo e a dizer para o Abraão “deixa estar, não vamos fazer isso...”... O Abraão perguntou o porquê ao Martim se eu estava solteiro, como se estivessem a discutir com o que é que iam fazer em relação a mim como se eu não pudesse ter uma palavra... O Martim disse ao Abraão que precisava de ver uma coisa e foi ao telefone e pediu-me para olhar para os meus olhos. Foi como se visse todo um filme através dos olhos do Martim. Vi-me fiel e casado com o Martim, mas foi como se tivesse dito ao Martim que ainda estava à espera de mais uns dias pelo DK, que ainda queria ser do DK, foi como se lhe tivesse “pedido dias”, só mais uns dias para ver se o DK aparecia ou não... Foi estranho... Foi como se estivesse a negociar a minha Virgindade na cama com os Zangões. Foi estranho, mas foi mágico, porque soube a uma realidade secreta imaginada...

Quando os Zangões me soltaram começaram a desenhar um “pequenino filme” no meu caderno. Desenharam outra vez o desenho da capa de **2080** de Antoine Canary-Wharf, desenharam os titânicos a entrarem secretamente numa das luas de Jupiter como se fossem jovianos e a descerem à Terra e a entrarem na piscina onde eu estava a nadar. Nos balneários

tomei banho com eles no mesmo chuveiro e saímos e eles pintaram as paredes que eu tinha visto até à noite em que me encostaram depois à parede e fizeram-me vir contra a parede, marcando as gotas do meu esperma e desenhado aí num segredo maçónico o elefante Jupiter a segurar Jupiter, mas com um elefante illuminnatti montado por detrás e dois elefantes à frente a entrelaçarem a tromba do elefante Jupiter... Via-se no desenho a marca das gotas e via-se logo a seguir uma grande excursão alienígena a fotografar o desenho e vi a Jupiter Editions a mandar imprimir livros e a enviá-los para Saturn... Mas achei horrível a marca das gotas de esperma e percebi a mensagem. O Martim e o Abraão escreveram o número de seguidores que os tubarões-martelo tinham na Rede Secreta e mostraram-me por setas que eles pintarem uma parede, toda uma Rede Secreta é capaz de atravessar uma imensidão de planetas só para ir ver a pintura... Vi por cima de Jupiter, Saturn e por baixo das gotas maçónicas o www da Jupiter Editions ponto com. Foi como se tivesse de fazer aquilo que eu nunca quis nem queria... No último desenho os tubarões-martelo saíam da piscina e transformavam-se em humanos e o “martelo” num skate voador e eles aterravam no largo da Sé com um carrinha das águas estacionada à frente da Sé a testemunhar a aterragem... Eram eles... O que o Martim me tinha dito pelos desenhos com a palavra-passe que me deu é que se eu entrasse na cena “romântica” com os titânicos, que os titânicos ofereciam uma viagem milionária ao elefante Jupiter até Saturn. Quando o Abraão me desenhava a passar à frente dos titânicos e um deles me fez o fixe, com a palavra-passe que o Martim me tinha dado eu entrava na cultura deles e curtia com eles e mostrava-lhes o site da Jupiter Editions e eles mostravam-me que noutra vida de tubarões nos tínhamos encontrado e que por isso podíamos simular outra vez a vida e o plano da pintura da vida maçónica alienígena seria irmos às piscinas só para termos uns azulejos de balneários para pintarmos uma oculta orgia e dali sairmos em segredo pintar as paredes dos tijolos que escondiam o segredo maçónico da Internet das Coisas Alienígenas. O Martim mostrou-me depois um outro desenho em que o Abraão não viu. Desenhava-me a passar pelos titânicos e só a cumprimentar-lhes com um fixe e a pintar no dia a seguir umas paredes e a desenhar numa Secreta Realidade Aumentada o logotipo da Jupiter Editions sem gotas de esperma. O Martim piscou-me o olho. O logotipo da Jupiter Editions e o site estavam discretamente incorporados no desenho...

O Martim e o Abraão arrancaram as páginas do meu caderno, meteram nos bolsos e bazaram sem dizer nada. Uma saída fria e alienígena mesmo à “illuminnatti” estúpido que parece que não tem sentimentos e emoções e sabe perfeitamente que a saída assim faz-nos “chorar”, porque faz parece invisível, como se nunca tivesse existido... Parece que um botão foi carregado para “apagar” o episódio da vida real, como se não fizesse parte da vida real mas de um canal secreto, de uma Internet Invisível da Vida Real... Eis a Vida Maçónica, eis a Vida Legionária... Não gosto. Eu sou romântico. Só queria estar de mãos dadas, mais nada... Nem queria escrever... Só queria ver e estar na Natureza sem pensar em nada, sem ter de a escrever... Não gosto de descrever a Natureza, não gosto muito de descrições, porque eu gosto é ver de a Natureza com os meus olhos. Mas não me importo de escrever as histórias que se passam em cima da Natureza... Para mim, o Grande Palco da Vida é a Natureza... Comecei a fazer os meus teatros e a construir as minhas histórias em cima da Natureza. Gosto é de escrever no campo, na praia, na montanha... Aí é que a escrita me sai... Me sai outra coisa... Uma escrita diferente...

13h50 No café dos meus primeiros senhorios perto das tintas do Francisco do desenho do Bernardo Santareno contei ao Tiago que os donos tinham sido os meus senhorios. Que por cima da casa dos senhorios de um lado vivia eu com os meus pais e ao lado viviam os meus avós. Nunca tinha contado ao Tiago, porque nunca nos tínhamos sentado na esplanada do café dos meus primeiros senhorios. Sem contar ao Tiago, lembrei-me do sonho que tinha tido pequenino do Diogo Tomás que tinha aparecido num pesadelo sem eu o ter visto nunca na minha vida... Lembro-me do sonho que eu estava numa cama do hospital e que consegui ver com o meu espírito um rapaz a meter-me uma “agulha” dentro do meu cérebro e a entrar na minha dimensão, no meu corredor da minha casa e a chamar-me para irmos brincar... No dia a seguir conheci o Diogo

Tomás... Isto foi real... Foi a minha primeira premonição... Fiz amizade e apaixonei-me secretamente pelo Diogo Tomás... Onde ele ia eu ia atrás dele... Eu só queria era beijinhos... Gostava dele... Ele era mais alto e mais forte... Eu gostava de andar atrás dele a brincar... Na minha festa de anos os meus pais chamaram todos os pais e vieram todos os meus amiguinhos e os meus amiguinhos reuniram-se todos contra o Diogo Tomás e disseram que se o Diogo Tomás não se fosse embora que eles iam todos embora... Eu fui falar com o Diogo Tomás para saber se caso eu fizesse frente a eles se o Diogo Tomás ficava comigo, pelo menos... Mas o Diogo Tomás disse para fazermos um teatro à frente deles, para fazer de conta que eu o mandava embora e depois mais à noite íamos os dois brincar para o nossa mata... E foi o que fiz... Mas o teatro não correu muito bem, porque não consegui ser “mandão” como todos queriam... Quase que beijei o Diogo Tomás, quase que me agarrei ao peito do Diogo Tomás, mas o Diogo Tomás para salvar o meu teatro foi-se logo embora... Eu fui depois atrás dele e combinámos a nossa hora... Quando eu cheguei todos os meus amiguinhos bateram palmas... Odiava-os... Só fiz o teatro por causa dos meus pais... Por causa dos novos amiguinhos dos meus pais... Não gostei deste teatro... Eu era muito pequenino e muito inocente para levar logo com um teatro em cima... Parece que tinha nascido num meio de um circo, de uma feira e mandaram-me logo para o circo e para a feira... Sabia que o teatrinho tinha vindo encomendado dos pais, porque vi uma mãe a segredar à Inês e vi depois essa mãe a segredar com a minha mãe e foi quando a Inês veio ter comigo e disse para eu mandar embora o Diogo Tomás senão eles iam-se todos embora... Ainda me lembro de me ter dirigido a eles para saber se eles estavam todos com a Inês ou se era só um teatrinho psiquiátrico da mãe da Inês... Mas todos estavam com a Inês e por isso fui depois falar com o Diogo Tomás para saber se caso eu os mandasse embora se o Diogo Tomás ficava comigo... Mas o Diogo Tomás fez-me ver a festa de anos, fez-me ver os meus pais tinham gasto dinheiro e que estavam felizes com novas amizades e por isso planeou um teatro por cima do teatro... Eu aceitei o teatro com a esperança de depois ficar a ver as estrelas na mata ao colo do Diogo Tomás, mas o Diogo Tomás desapareceu “para sempre”... Hoje passa a correr à frente da minha casa... Sei que se ele entrasse hoje cá em casa, talvez acabássemos a foder... Também seria um romance giro... Tive de escrever o episódio do Diogo Tomás numa história em bruto nos *Illuminnatti Games*... Hoje escrevo-a editada, com outra memória e com um certo romance numa outra personagem...

Contei depois ao Tiago com a minha mãe no Café dos Paquistaneses que tinha nascido num sótão quando éramos inquilinos da casa da minha avó. A minha primeira senhoria foi a minha avó. Vivi sempre em casas com quartos trancados. Mesmo depois quando saí da casa da avó vivi num prédio em que a casa tinha 3 quartos, mas só um quarto estava aberto... Fiz o secundário sempre a dormir no quarto dos meus pais... Ora... Não é muito fixe, mesmo para o desenvolvimento de um jovem... Mas enfim, tive um “Processo Especial”, um Processo Diferente. É fixe escrever isto com esta idade. Entreguei todas as histórias aos *Illuminnatti Games*. Foram os illuminnatti que protegeram as minhas histórias e foi com eles que eu fui invisivelmente ao Palácio da Foz registar todas as histórias... Lembrei-me quando estava com as Marianas e a uma das Marianas disse que queria ganhar a concessão do Café dos Paquistaneses e vi uma corrida invisível de todos à concessão que com estrangeiros em Santarém poderia tornar—se uma concessãozinha milionária como se fosse uma praiazinha de Vilamoura, da Comporta ou de Porto Santo... Vi por isso com a Jupiter Editions os meus olhos alienígenas, porque também quis a concessão mas vi como é que eu era, como apesar de me apresentar num sítio como empresário também me apresentava ao mesmo tempo como empregado... Gostava de ser eu a ter a concessão dos coches porque os meus cavalos iriam ser muito felizes e se eles estivessem a trabalhar eu também estaria sempre a trabalhar com eles, a escrever com eles, iria dar-lhes um horário de trabalho decente a eles e a mim... Quando faço pela minha vida estou a pensar em todos que mais amo e me rodeiam. As obras que eu faço e produzo são para os outros, para aqueles que se liguem às minhas obras e ajudem a projetar a minhas obras, que me ajudem a erguê-las numa natural colaboração... Porque é assim que se fazem as obras... Não é um sozinho a fazer

tudo... Senão, a obra como todas as obras acaba por obviamente ser abandonada... Falou-se também das concessões dos *tuc tuc* e dos *coches* que a Câmara Municipal iria lançar...

Soube maçonicamente da tentativa de se fazer um Ajuste Direto sem as concessões irem a concurso público e eu disse logo que isso não podia ser e o meu “Não podia ser” chegou aos ouvidos de quem tinha de chegar. Mas é o mesmo... Se gostava de ter a concessão dos *tuc tuc*, se não a ganhar, não me importo de ser empregado para sempre, não me importo de conduzir, de ser motorista, desde que tenha um ordenado que dê para pagar contas e que não me prende só a Santarém, que me deixe ver o Mundo, que me deixe de Santarém apanhar naves para outros “planetas”; apesar de achar os *tuc tuc* horrível em Santarém, mas tudo bem se todos quiserem e se há um concurso então como todos obviamente que eu quero ganhar, também quero entrar na corrida, se há uma corrida milionária, é óbvio, não é? Mas acho que “descaracteriza” a cidade...

E foi giro ver vários mundos, várias histórias e várias conversas passadas e presentes numa esplanada e ver como podemos projetar o mundo só numa esplanada, só num jardim... Foi também no terraço do Café dos Paquistaneses onde estive a ouvir as histórias de África do Sul com a minha mãe da boca da minha irmã. Fomos lá os 3... Depois com as histórias todas a minha irmã “raptou-me” para África do Sul e em Durban em fui “raptado” por skaters e comecei a escrever com eles em spots secretos... Conheci-os no grindr... Eram skaters e surfistas... Eram loiros e andavam “privilegiadamente” descalços nos centros comerciais. Não percebi até hoje o porquê destes privilégios “loiros” em Durban... Talvez uma secreta cultura “alienígena”...

Voltei a ver um dos surfistas com quem estive em África do Sul nas escadinhas do largo da Sé com outros skaters que nunca tinha visto em Santarém... Pareciam mesmo alienígenas para Santarém... Vi-os quando voltei da Feira Medieval. Fui à Feira com a Mariana com a Blusa Azul com a Coroa Monárquica portuguesa. Enquanto a Mariana estava a dançar e eu vibrava por dentro só com a dança dela e com todos e enviava secretamente mensagens a Jupiter a dizer que os humanos na Terra eram sagrados, tinham histórias sagradas, tinham danças sagradas, toda uma história medieval por detrás e enquanto conseguia construir várias histórias e episódios medievais só por estar ali um bocadinho a ver toda aquela dança medieval, vi 6 príncipes, um com a coroa da Lituânia, outro com a coroa sueca, outro com a coroa austríaca, outro com a coroa espanhola, outro com a bandeira ucraniana, outro com a coroa da Hungria, outro com a coroa da Polónia e vi o Thomas com a bandeira alemã ... O que tinha a bandeira ucraniana no peito parecia um “gémeo” do DK e claro que eu em silêncio escolhi o DK... Mas com o “arraial” todo medieval os príncipes desapareceram... Como sempre fiquei sozinho numa história de príncipes encantados... Vi por detrás da polo do “gémeo” do DK o desenho psicadélico que eu tinha visto quando tinha estado a namorar por baixo das oliveiras nas encostas do Castelo de Santarém com os skateres a passarem a seguir aos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Desapareci com a Mariana até à Fonte Sagrada... Fizemos depois a nossa dança para as estrelas nas escadinhas da Fonte... Foi mágico! Para mim, mágico é isto... São os bocadinhos sagrados da vida, mas que são bocados da vida real. Não acredito em magia nenhuma senão “nisto”.

Enquanto estava no público a ver a Mariana a dançar no arraial e a escrever e a gravar histórias medievais na minha cabeça, sabia que só as estava a escrever por causa da Internet das Coisas... Quando chegámos à Feira Medieval vi que a Mariana tinha combinado com os Luíses com que eu tinha sonhado na noite anterior. Um dos Luíses não o via há mais de 10 anos. O outro Luís tinha aparecido na Montanha Jupiter quando *2080* de Antoine Canary-Wharf estava a ser escrito em cima da Montanha Jupiter... Na vida real nunca tinha visto os Luíses ligados, nem sabia que se davam, mas em Santarém tudo é possível, numa cidade pequena é fácil pessoas que não se davam começaram-se a dar e histórias escondidas acabarem por aparecer... Santarém é isto... É uma cidade de histórias, de intrigas, de teatros, de se falar da vida dos outros... É Santarém... As coisas falam-se, as coisas sabem-se. Se um dia fizemos xixi à frente da igreja e deitámos a língua para fora ao padre essa história vai perseguir-nos, porque o nosso amigo que

também deitou a língua para fora vai contar a outros e outros vão contar, porque o padre vai contar ou alguém que passou vai contar... E a história vai sempre sobrevivendo no tempo... Parece que não morre... Torna-se quase eterna como o espírito... O que fizemos e o que dissemos voltará... No sonho eu era marido da Mariana divorciado da Maria da Paz tenho deixado a Maria com duas filhas lindas que toda a Santarém sabia que eram minhas, mas que um Tribunal Medieval me tinha condenado numa multa perpétua de ter de manter uma distância de 6 metros das minhas próprias filhas e da Maria, por a ter também traído com um homem como tinha traído a Mariana. Traí a Maria da Paz com o Afonso Côrte-Real ao mesmo tempo que o Afonso traiu a Sara comigo e traí a Mariana com o DK na fonte sagrada e na fonte sagrada o DK passou-me o filme através das lentes tecnológicas de cinema da Sony que nos tempos romanos eu era um escravo de luta e um escravo sexual que combatiam como se fosse um toiro de entretenimento nas arenas e que voltava algemado para dentro da jaula onde secretamente entrava o DK e o Afonso e me davam pila prometendo subir ao Senado para me libertarem da jaula, mas também num jogo maçónico de irmãos em que o DK me dizia que no final ele mataria o irmão para vivermos felizes e fazer de mim o marido legítimo do Príncipe Herdeiro se conseguisse com o seu exército de advogados matar as leis proibidas do pecado dos homens com os homens... E vinha o Afonso num plano menos maquiavélico também dizer que no final queria era ficar comigo sem o irmão no meio... No sonho eu tinha saído do arraial com o DK enquanto a Mariana estava a dançar e tinha ido até à fonte sagrada com o DK... Subimos ao telhado e fomos apanhados pelos Luíses que apareceram como morcegos por cima de nós e nos filmaram e enviaram o filme para a Mariana... Quando voltei ao arraial não com o DK, mas com o Afonso simplesmente depois de uma “cigarrada das nossas” vi os Luíses a dançarem com a Mariana e a apalparem-lhe toda nas mamas e no rabo e a rirem-se e vi toda uma Santarém a assistir e a ver o filme da Mariana com os Luíses na cama e lembrava-me das palavras sábias do meu pai que dizia para nunca deixar a mulher num arraial com homens, sob pena de perder a minha mulher para os outros homens... Vi como as palavras não era sábias e não faziam sentido porque me lembrava do meu amor verdadeiro com o DK em que sabia que podia ficar descansado se ele fosse a uma discoteca, porque seria para mim impossível de o ver a trair-me... Ora aplica-se analogicamente os direitos do arraial à discoteca... Lembro-me de no sonho aparecerem uns putos com os telefones a filmarem a minha cara depois de eu ter visto a Mariana a ser toda apalpada... Mas o sonho foi só um sonho premonitório...?

Quando chegámos ao arraial e chegámos perto dos Luíses, a Mariana tentou apresentar-nos, mas nós já nos conhecíamos... É engraçado ver como eu já não ligo muito à minha Internet das Coisas e como já a aceito naturalmente... O que fico simplesmente a pensar é quem é que assaltou o meu portão e me passou o sonho durante a noite através do meu chip em 2080 de Antoine Canary-Wharf? E cada vez mais percebo o Programa Maçónico que me foi instalado por uma Sociedade Alienígena que simplesmente me mostra primeiro os filmes que se vão passar para eu poder ver o programa das coisas, o programa de uma sombria Internet... Filme de terror? Não vejo o filme de terror que muitos veem, porque os meus olhos estão ligados à Lua, à Ursa Maior, à Dança das Estrelas, à Astronomia... Estava por isso no Arraial à frente do Convento a olhar sempre para as estrelas discretamente, sempre a ligar a Internet dos Astros à Vida Maçónica.

Vi a Maria da Paz no arraial e vi as filhas da Maria, lindíssimas. Só no meu sonho é que elas eram minhas filhas e só no meu sonho é que eu tinha sido marido da Maria... Só, portanto, numa “Vida Passada de Sonhos”. Vi a Mariana no meio dos Luíses a dançar divertidamente num passe “bem treinado”. E achei piada, por causa do sonho. Lembrei-me que no sonho eu era um romano, um antigo prisioneiro que tinha sido libertado pelos príncipes e que tinha vindo para Santarém para instituir o costume romano do Bom Direito com o Afonso Côrte-Real, onde íamos à Fonte Sagrada interpretar e descriptar o Código Maçónico que tinha sido escrito em árabe e em hebraico... Os Luíses eram Vikings telecomandados pelo Domingos Bayamonde que com um exército de guerreiros também sentado na Feira Medieval queriam raptar a princesa Mariana para um culto orgiástico donde a Mariana se casaria com o Domingos Bayamonde para instituir em

Santarém as Leis Frias dos Vikings... Eu não podia entrar no arraial para resgatar a princesa, senão seria morto pelos Vikings, mas o Afonso Côrte-Real podia por ter um Estatuto Social Reconhecido aos olhos dos Vikings. A Reputação Social e o Estatuto Social são às vezes pilares importantes numa sociedade. Mesmo que mandem abaixo os nossos pilares devemos de ter a capacidade de reconstruí-los... Os vikings lembravam-se de me ver como um toiro escravo na arena, mas o Afonso limpou logo a minha imagem aos vikings e apresentou-me como um príncipe adotado pelos romanos. Tivemos de ir beber o hidromel à tenda dos Vikings para negociar a minha reputação e estatuto como se estivéssemos a negociar a minha vida só entre homens... Apareceu no sonho o professor Sérgio com a sua mulher vestido de romano que disse aos vikings que eles podiam ficar com a concessão de hidromel à frente do Convento com a promessa de respeitarem o Costume Romano Scalabitano e o Bom Direito de Scalabis que o Grão-Ducado Raul estava a tentar implementar... Grão-Ducado souu melhor aos ouvidos do Vikings que largaram a princesa Mariana e o professor piscou-me o olho juntamente com a sua mulher. Foi um sonho completamente estúpido que não faz sentido à Luz da História senão noutra planeta...

Depois da Mariana dançar no arraial, fomos até à tendinha do Hidromel e passou o meu professor de natação Sérgio e cumprimentei-o a ele e à sua mulher. Adorei o cumprimento breve e adorei conhecer a mulher do meu professor que na verdade nunca foi meu professor, foi o professor dos tubarões-martelo da pista nº6... Eu nadava na pista ao lado com os golfinhos... Não aguentava a pedalada da competição dos tubarões-martelo... O meu professor era o Tiago... Tinha um fraquinho pelo professor Tiago... Era muito puto... E lembrava-me como eram as histórias dos putos e das pitas excitadas pelos professores de natação... Vi depois o meu professor do curso de salva-vidas e lembrava-me como tinha sido ele que me tinha passado o manual quando num jogo de uma dark net de orcas, nenhuma das orcas me passava o manual de nadador-salvador. Lá apareceram as orcas vestidas de Vikings no arraial. Sentaram-se na mesa militar do Domingos.

Depois de me ter despedido da Mariana passei pelo coreto e vi as moçambicanas que estavam numa discoteca em Maputo quando visitei Maputo... Não achei “possível” numa tão grande Reunião de Espíritos... Mas uma delas com quem eu tinha estado a dançar veio com a aparelhagem para cima de mim e perguntou se não era eu e eu disse que sim... Ela enganou-me na altura... Eu dancei com uma miúda de 14 anos que disse que tinha 20 anos... Pensei o pior na altura, se uma polícia maçónica não me podia entrar e prender só porque eu estava a dançar com uma menor... Foi há algum tempo... Passei depois pelo Largo Sá da Bandeira e foi quando vi o skater sul-africano com quem tinha curtido em Durban antes de ter conhecido os amigos dele na praia... Estava no Largo da Sé com outros skaters... Adoro ver os skaters à noite no largo da Sé...

Fui a África do Sul quando estava em Moçambique. Lembrei-me que na noite anterior antes do DK ter acabado tudo comigo de ter entrado na sala e ver uns segundos de um documentário que ele estava a ver em que era uma senhora que tinha feito parte de uma Experiência Secreta Militar com psiquiatras, neurologistas e psicólogos em que ela tinha sido posta em vários programas e com personagens que apareciam no início do programa e depois no final para testar a memória e inteligência da senhora para se provar que a sensação da “vida passada” eram “falhas de memória” em que as pessoas não se lembravam de já se terem cruzado com alguém, mas que depois se cruzavam e ficava “a tal sensação” e assim, todas as pessoas com quem nós sentíssemos “tal sensação” ou “tal arrepio na espinha” era isso, alguém que em algum momento da nossa vida já tinha feito parte da nossa vida... A questão do programa maçónico é quando nós temos um grupo que sabe do grupo e quem faz parte da experiência não sabe sobre o programa e por isso que vai obviamente experienciar uma vida dentro do próprio programa que ninguém de fora consegue obviamente sentir, nem com nenhum tipo de tecnologia... Só sente quem passa pelo programa, quem experiencia de verdade o programa... Talvez pela minha escrita seja possível passar algum sentimento. Mas será sempre só um sentimento literário. Também tenho de fazer o meu papel, no papel que uma Sociedade me dá e brincar com as palavras... O

papel é meu... A escrita é minha... A obra é minha... Eu é que sou o dono da obra, do filme...  
666.666.666. 999.999.999.666.666.666.999.999.999.11.11.12

O skater que não me lembro do nome dele estava com amigos. Achei que ele estava bué lindo. Com rastas... Estava mesmo giro... Achei que ele não estava à espera que eu o reconhecesse... Ele usava o cabelo à surfista... Fez-me só um fixe e eu passei com um sorriso. Foi como se a nossa curte tivesse só valido “um fixe”. Por mim, na boa... Já estou habituado... Quando cheguei depois à praça de toiros no meio das cavalariças estava um camião das águas estacionado à minha frente com as luzes ligadas. Não conseguia ver por isso quem era. Naves têm estado a sobrevoar os céus e a passar em Santarém. Santarém é mais alienígena do que ela pensa.

Passou rente uma nave, mas não parou como em Porto Santo. Fez só sinais de luzes ao mesmo tempo que o camião. A nave passou e o camião ligou-se e passou por mim devagarinho. Vi que era o Yuri. Só me fez um fixe e desceu devagarinho a colina e eu entrei em casa com cavaleiros por detrás a descerem a colina atrás do camião das águas... Consegui decorar a cara de um cavaleiro... Pensei mesmo que o DK estaria como um Rei à minha espera na minha cama. Mas o DK não estava. Custou-me um bocadinho por causa das referências todas... Achava mesmo que ele ia aparecer. Mas ele não apareceu mais e o jogo hoje indica-me que já não vai aparecer mais. Que ele se foi embora para sempre. Mas fiquei com o espírito dele. Fiquei com a cara dele. Com a expressão dele. Fiquei com o movimento robótico dele. Nós às vezes parecíamos robots. Sei que é hora de seguir. Mas fico feliz, porque encontrei-me verdadeiramente. Sei quem sou. Sei o que sou. Simplesmente apaixonei-me de verdade... Acontece aos melhores... 14h40

A Mariana telefonou-me ontem para irmos tomar café com a Mariana e com o Tiago. Fomos à esplanada do Plátano Centenário de Santarém... Mas encontrámo-nos primeiro na tasquinha onde estava um dos putos illuminnatti e onde apareceram os ciganos que eu adoro. Mas antes de sair de casa a minha prima perguntou-me se eu acreditava em Deus e disse que o meu Deus eram os zangões, as abelhas, as formigas... Disse que via as internet das abelhas, das formigas e das moscas e disse-lhe que as sociedades alienígenas aqui da Terra eram as abelhas e as formigas e que eram elas que nos seguravam à Vida... As abelhas fazem polinização, as formigas fazem decomposição permitindo o Ciclo dos Átomos de Carbono da Vida de 6 protões, 6 neutrões e 6 eletrões. Por eu ter falado na Internet das Moscas, a minha prima na cozinha fez-me uma expressão de um dos meus amigos com quem eu ia estar sem os conhecer, sem haver ligação possível... A minha prima tem quase 50 anos... É outra idade... É brasileira, vive fora de Santarém, chegou aqui em casa a falar mal dos brasileiros com um vizinho brasileiro a ouvir onde morava o espírito de Antoine Canary-Wharf antes de ter partido com o Jakob para *Jupiter*... Vi uma Internet das Coisas... Uma Internet de Autores... Achei que a minha prima pudesse estar a falar assim à vontade por estar numa rede secreta com os meus vizinhos. Tudo é possível no Mundo da Internet. Um outro primo meu mais velho telefonou-me antes de eu sair de casa para ir ter a tasquinha come eles e vi esse meu primo com o pintor Francisco não sei porquê... Foi uma pequenina intuição. No jogo, a minha intuição falha muitas vezes. Sou humano. Não sou nenhum computador, apesar do meu cérebro parecer um computador... Depois da esplanada, a Marianinha despediu-se de mim, do Tiago e da Mariana... Não ficámos na esplanada... Ficámos no muro da esplanada... Foi lindo! Foi mágico... Estávamos tipo “sereios” meio sentados meio deitados no muro como queríamos... Repimpados como se fôssemos anjos e deuses de nós próprios em que todos somos e podemos ser anjos e deuses uns dos outros... A Mariana até à esplanada foi desvendado a misteriosa história de Santarém... Adorei ouvi-la a contar e desvendou o segredo das 7 portas de Santarém e imaginei uma turminha de pupilos atrás da Mariana a seguir a história da Mariana para coletar pistas para encontrar o tesouro escondido pela Jupiter Editions... Os Illuminnatti Games mostraram-me a portas... A Mariana contou ao Tiago e à Mariana que uma das portas ficava numa igreja... Pude passar privilegiadamente pela porta com os illuminnatti...

A Mariana voltou e debaixo do muro connosco em cima disse que estava a haver uma festinha numa terriola e perguntou se queríamos ir. Descemos o muro e fomos para o bailarico. Ao entrarmos no bailarico vi uma pintura do Francisco e que adorei pela referência das coisas...

Dava a ideia de um puzzle em que no meio do verde estava um campino e à volta gotas de orvalho que contavam também uma história... Cada gota de orvalho era uma história imensa... Lembrou-me de ver uma casa de família dentro de uma das gotas... Só numa casa a história pode ser imensa, pode haver todo um Universo só dentro de uma casa, só dentro de uma família... E é isto, metermos um drone em cima de nós e vemos toda uma Vida, vemos toda uma história... Lembrei-me quando tinha ido ao restaurante de família das enguias com os meus tios e de depois termos passado por uma pintura do Francisco que fazia um “match” perfeito com a conversa que íamos a ter no caminho depois do almoço... Parámos o carro em 4 piscas à beira da estrada e tivemos de assaltar uma cultura de milho para fotografarmos a pintura... Na altura vi um “espiritualismo” de coisas... Hoje vejo só uma Internet de coisas... É uma pena, mas é a vida...

Adorei entrar no bailarico, adorei ver as pessoas, lembrei-me de ver pessoas que me viram a arbitrar nos campos do distrito de Santarém... Vi jogadores que tinha apitado... Por detrás de mim meteu-se uma fila de jogadores com quem troquei umas palavras e uns sorrisos silenciosos... Vi e cumprimentei a Madalena que trabalha num supermercado de Santarém e vi depois a Tânia que trabalha também na mesmo supermercado mas no Cais de Sodrê onde tinha comprado uma água caríssima porque só havia essa água e de a Tânia ter brincando comigo e ter dito “oiça, a água vem dos Alpes Franceses... Não é engarrafada no rio Sena... É nos Alpes Franceses... Uma água de ph 7.2, alcanina... Tudo bem que não é supé alcanina como a água supé chique de Monchique, mas não deixa de ser uma água chique... Já viu os quilómetros que a água tem de fazer só para chegar cá?”... Achei a Tânia linda e com tanta simpatia e diversão mesmo num trabalho chato, num supermercado cheio de confusão com clientes mal educados e mal humorados... Saí do supermercado e o polícia que estava à porta do supermercado a fazer gratificado e que eu tinha visto uma foto dele no telefone do Afonso Côrte-Real cumprimentou-me maçonicamente como se soubesse que o Afonso me tinha mostrado uma foto dele e eu brilhei os olhos para ele e ele partiu-se a rir... Lá fui eu todo apaixonado com a água francesa caríssima na mão... Fui depois até Campo Grande para apanhar o autocarro para Lisboa e vi um outro polícia que estava a fazer gratificado à frente da minha paragem com quem tinha estado nos meus tempos de faculdade e que tinha estado a jantar duas mesas à frente num restaurante onde tinha ido com o DK, com a Sara e com o Afonso... Fez-me um breve cumprimento, mas sério sem me dar “hipótese” e vi uma pequenina internet de polícias a segurarem o meu filme... Quando cheguei a Santarém voltei a entrar no supermercado e perguntei à Madalena se podia entrar com a água e a Madalena disse que sim porque não tinham essa água naquela loja e perguntou-me quanto é que tinha custado a água e eu disse quanto tinha custado e disse que achava a água muito cara e a Madalena repetiu tal e qual o que a Tânia tinha dito e no final piscou-me o olho... Lembrei-me por isso como me tinha lembrado de ver uma Rede de Caixas, uma Internet de Trabalhadores, talvez um “Sindicato de Trabalhadores” onde eu estava secretamente... Tinha sido atendido na caixa por um rapaz no dia do baile e vi-me não sei porquê a dançar com ele num baile sem saber ainda que ia a um baile ou que havia um baile e teve piada de ver o rapaz no baile com o seu grupo de amigos... Se eu e o Tiago não estivéssemos com as Mariana eu diria ao Tiago que estava ali no baile o rapaz que me tinha atendido na caixa e que eu me tinha visto com ele a dançar num baile sem saber que ia para um baile ou que havia um baile e iríamos acabar por nos juntar aos rapazes e dançar com eles a música do Djey a passar o bara bara bara bere bere bere...

Estava no baile a dançar no baile, mas vi quem é que eram os patrocinadores do baile, vi de que empresa é que era o palco onde estava o cantor a dar-nos música pimba com um remixezinho fixe... Vi os stands, vi as pessoas e vi como eu era tão feliz a dançar só com um copinho de sangria sem passar do copinho e vi uma vida de bebedeiras, uma vida em que eu

acabava sempre por dar encontrões e pisar as pessoas nos bailaricos e meter-me estupidamente com as pessoas... Bêbados somos estúpidos... Nem todos, mas quando sabemos que ficamos estúpidos com a bebida porque já somos de facto uma droga natural e já temos uma dança própria, natural e forte que sai naturalmente sem álcool e drogas, não podemos tomar drogas nem encharcar-nos em álcool. Um copito ou outro ainda vá que não vá... Mas não pode passar disso...

Vi como aquela sociedade via outro registo meu e apagava o registo anterior que tinha de eu a chegar sempre já com os copos a pisar tudo e todos, sempre a pedir desculpa depois de pisar, mas a pisar, a não ter cuidado e a perder a noção do espaço... E senti-me bem, muito bem e vi como era mesmo fixe todos merecermos uma oportunidade e não ficarmos presos a uma Dark Net de Coisas onde apareciam bebedeiras nossas e coisas que dissemos e fizemos bêbados... Ao mesmo tempo senti-me um robot em que parecia que ia “aprendendo” novos rostos e ia sempre ganhando mais empatia por todos, como se olhasse e decorasse e quisesse proteger quem eu visse..

14h55

9/07/2022

Raul Catulo Morais, Completamente Fora de Contexto numa Escrita Bizarra de Super Chip de Super Internet das Coisas. [Estou farto disto! Estou farto desta Bizarrice de Coisas desta Internet Macabra de Coisas!]